

DICIONÁRIO CRÍTICO DE TEOLOGIA

São Paulo, Paulinas/Loyola, 2004

Antes de mais nada, como não felicitar as Edições Paulinas e Loyola por dar-nos este volume, primeiramente muito maleável, elegante? Ele será, doravante, no companheiro precioso de nosso labor teológico. No prefácio, o diretor da obra explica o sentido do adjetivo "crítico" afeiçoado ao *Dicionário*, explicando o seu primeiro sentido — de uma autocrítica que a teologia se impõe; e ajunta que esse vocábulo traduz as qualidades de legibilidade, de honestidade intelectual e de precisão histórica.

Na impossibilidade de elaborar uma apreciação desta bela obra, vou contentar-me em oferecer-lhes umas impressões de um primeiro contato com esse texto ainda quente. Noto, antes de mais nada, a opção muito feliz de oferecer-nos, sob o nome de Tábua Inicial de Verbetes, não apenas os verbetes realmente incluídos na obra, mas temas ou nomes importantes que não mereceram semelhante distinção, mas são objeto ao menos de uma menção dentro dos verbetes escolhidos. Uma outra contribuição muito valiosa vem a ser o Índice Geral, que, no fim do *Dicionário*, completa esta primeira lista inicial. São pessoas diferentes que fazem uma e outra, não havendo, assim, uma perfeita unanimidade, ou uma perfeita coincidência; por exemplo, no Índice Geral, a pro-

pósito de dialética, não se cita Karl Barth, que é colocado a justo título, em relevo, na Tábua Inicial de Verbetes.

Aqui surge a questão de base. Qual é, verdadeiramente, o critério para escolha dos verbetes, isto é, dos nomes próprios ou dos temas teológicos escolhidos, vamos dizer, "criticamente", pelo *Dicionário*? Sem dúvida, há um conteúdo global da teologia; o *Dicionário* toma essa palavra no sentido de teologia cristã, e naturalmente esperamos que ele fale de Cristo, de Deus, da Igreja, dos sacramentos, da graça, do pecado etc. A originalidade deste, contudo, como de qualquer outro dicionário teológico, está na compreensão da própria natureza da teologia, como um paradigma de saber. Parece-me que o leitor ficará muito feliz verificando que os critérios que presidem as opções desse *Dicionário Crítico de Teologia* são ampla e lucidamente ecumênicos, abrangendo os grandes nomes e os temas fundamentais da teologia católica, protestante e ortodoxa. Parece-me que a teologia protestante é generosamente contemplada, o que não deixa de ser um enriquecimento para todos nós. Barth, Bonhoeffer, Bultmann, Tillich são bem estudados, para alegria nossa. Outro critério parece-me orientar também as escolhas do *Dicionário*. Ele con-

sidera a teologia, como se insinua no prefácio, como um saber verificável e "quer oferecer, portanto, um instrumento universitário posto a serviço da transmissão do saber." Creio que todo o *Dicionário* é marcado por essa preocupação da questão teológica, da verificabilidade da teologia, insistindo sobre a sua dimensão hermenêutica, sobre a busca de sentidos dos textos e da história, bem como de uma atenção voltada para a experiência — verbetes bem destacados. Mais ainda: grande importância é dada ao diálogo com os filósofos, especialmente se põem em realce as filosofias do conhecimento, as suas teorias da verdade e da verificação, bem como das linguagens teológica e filosófica. Neste *Dicionário Crítico de Teologia*, o leitor talvez se admire um pouco de não encontrar bom número de teólogos, mas encontrará verbetes especiais para Descartes, Kant, Hegel e o hegelianismo (dois verbetes, sim senhores!), Marx, Heidegger, Nietzsche, Pascal, Blondel, Paul Ricœur, Leibniz e Wittgenstein. Acrescentem-se as menções a outros autores, como Emanuel Levinas (a propósito do Infinito) e Bergson. É, portanto, uma originalidade, uma contribuição muitíssimo valiosa essa apresentação inteligente e documentada da dimensão epistemológica da teologia. Que tipo de saber é a teologia, como se define e como se fundamenta e legitima. Sem dúvida, essa opção do diretor do *Dicionário* e de seus colaboradores comporta uma margem de preferência que pode resvalar no subjetivismo; nada de grave, pois um dicio-

nário crítico, como ele mesmo diz, é um convite à crítica, dos leitores e, sobretudo, dos estudiosos.

Nessa linha, como não arriscar algumas reservas em meio à satisfação de ter em mãos esta bela obra em nossa língua portuguesa. Ficando no campo que me é menos estranho — os teólogos contemporâneos de maior relevância no Concílio Vaticano II, por exemplo — verifica-se que teólogos como Chenu, Congar, Schillebeeckx não são objeto de um verbete, mas de simples reenvios a um verbete, historicamente muito seguro, "Tomismo", redigido por J. P. Torrell, verbete supercondensado, que não pode situar e colocar na verdadeira luz aqueles que consideramos como os maiores teólogos da nossa época. Em uma próxima edição (não seria nada mau), que estas omissões — pois para mim são verdadeiras omissões —, sejam reparadas. Essas simples reservas parciais não podem, absolutamente, ofuscar a expressão de minha admiração e de meu reconhecimento ao ter em mãos esse excelente *Dicionário Crítico de Teologia*; tanto mais que ele vem fraternizar com vários dicionários: de mística, de bioética, de patrística, de teologia moral e fundamental, todos belos e custosos volumes com que nos têm mimoseado os corajosos editores brasileiros. Meus agradecimentos e meus parabéns muito especialmente às Edições Paulinas e Loyola, que, aliás, são meus editores muito amigos. Muito obrigado.

Frei Carlos Josaphat, op.*

* **Frei Carlos Josaphat** é dominicano e doutor em teologia. Tornou-se conhecido por suas posições no campo social, em São Paulo, nos anos 60. Foi professor na Universidade de Friburgo, Suíça, durante 27 anos. É professor na Escola Dominicana de Teologia em São Paulo desde 1994. Tem ministrado palestras, pelo Brasil todo, em universidades e também na Argentina e Chile, entre outros países.

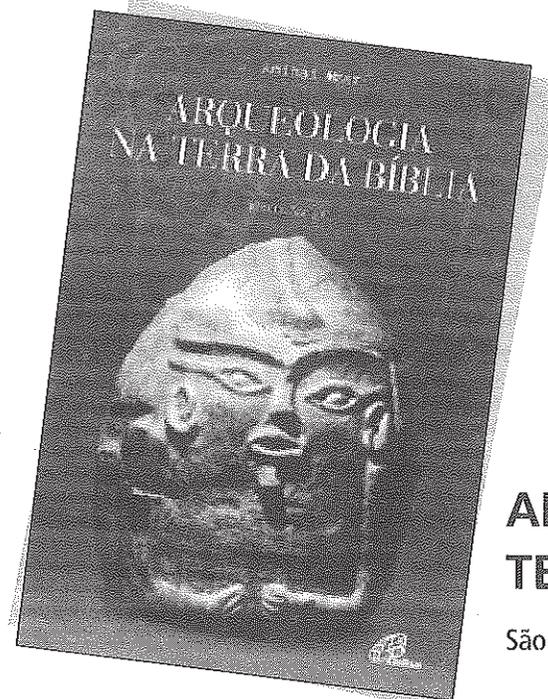


A COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DA VIDA

Telemarketing

0800 - 7010081

www.paulinas.org.br



ARQUEOLOGIA NA TERRA DA BÍBLIA

São Paulo, Paulinas, 2004

Em *Arqueologia na terra da Bíblia* o arqueólogo israelense Amihai Mazar apresenta trabalhos da dinâmica pesquisa arqueológica em Israel e na Jordânia e discute suas implicações para nosso conhecimento do mundo veterotestamentário.

O livro abrange o período que começa com os primeiros assentamentos permanentes, por volta de 10 000 a.C., e termina com a destruição do primeiro templo, em 586 a.C., e a dominação babilônica no país.

Cada um dos períodos arqueológicos é apresentado com seu contexto histórico e bíblico. Diversos aspectos da cultura material de cada período são discutidos: a distribuição dos assentamentos; a arquitetura civil e religiosa; a fabricação de cerâmica; a metalurgia; a agricultura; a arte; o artesanato; a fabricação de armas, jóias e objetos rituais; a escrita; os costumes funerários; e as evidências de relações comerciais e culturais com países vizinhos.

Todos estes assuntos são brevemente introduzidos para "montar o quebra-cabeça" com o qual os arqueólogos reconstruem a história cultural do Antigo Israel. A relação entre as evidências arqueológicas e a história bíblica é discutida, continuamente, na maioria dos capítulos. Passo a passo, era a era, Amihai Mazar mostra o que cada período arqueológico tem para ensinar ao leitor moderno sobre o passado.

A compreensão científica dos textos bíblicos passa por um estudo adequado de seu contexto histórico na cultura do antigo Oriente, mais precisamente, no mundo do Antigo Israel.

Observando o caráter literário-teológico dos escritos bíblicos, o uso desses textos, como fonte para a reconstrução da história do Antigo Israel, é de uma natureza bastante complicada. Por isso, torna-se ainda mais importante aproveitar o material extrabíblico existente.

No caso da região de Canaã, foram realizadas milhares de escavações. Documentos